

Trago o Fado nos sentidos:

Canção, memória portuguesa na rádio paulista

I keep Fado in my heart:

Song, Portuguese memory in Sao Paulo radio broadcasting

Heloísa de Araújo Duarte Valente | whvalent@terra.com.br

Mestre e doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP/EHESS-Paris) com pós-doutoramento pelo Depto. de Cinema, Rádio e Televisão (ECA-USP), é professora convidada no Programa de Pós-Graduação em Música da ECA/USP e pesquisadora e docente junto à Universidade de Mogi das Cruzes. Publicou *Os cantos da voz: entre o ruído e o silêncio* (São Paulo: Annablume, 1999), *As vozes da canção na mídia* (Via Lettera/Fapesp, 2003), dentre outras obras organizadas. Coordenou o projeto “Canção d’Além-Mar: o fado e a cidade de Santos” (Realejo; CNPq). Fundou o Centro de Estudos em Música e Mídia (MusiMid), e os Encontros de Música e Mídia (www.musimid.mus.br).

Mônica Rebecca Ferrari Nunes | nunes.aureli@uol.com.br

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), com formação complementar junto à Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (Paris). Atua como docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP. Pesquisadora do Musimid (ECA/USP) e do Centro de Estudos da Oralidade (PUC-SP). Autora de *O mito no rádio: A voz e os signos de renovação periódica* (SP: Annablume, 1993), *A memória na mídia: A evolução dos memes de afeto* (SP: Fapesp/Annablume, 2001) e *Histórias invisíveis* (em co-autoria com Marco Bin; Vinhedo: Horizonte, 2011), entre outros escritos.

Resumo

Este texto apresenta partes de um projeto de longa duração, que trata da cultura e identidade, memória e nomadismo através da música e, em particular, do fado. Este gênero fixou-se no Brasil, através dos imigrantes portugueses e luso-descendentes, tendo sido a transmissão feita, sobretudo, pelo rádio. Após um período de esmaecimento, o fado reaparece na paisagem sonora do fim do século XX, com importantes mudanças no processo de assimilação e transmissão do gênero.

Palavras-Chave: Memória; Canção das mídias; Fado

Abstract

This text presents parts of a long term research project, concerning culture and identity, memory and nomadism through music and fado, in particular. This musical genre was fixed by Portuguese immigrants and their descendants, and the most important means of broadcasting was the radio. After a period of obscurity, fado reappears in soundscape in the end of 20th century, attesting important changes in its assimilation and transmission processes.

Keywords: Memory; Media song; Fado

Introdução

Concebido como o mais autêntico *cartão postal sonoro lisboeta*, o fado ainda é objeto de textos pouco numerosos e, no caso brasileiro, praticamente inexistentes, dispostos em alguns papéis soltos, sem o devido protagonismo. O estudo empreendido pelos pesquisadores do Centro de Estudos em Música e Mídia (MusiMid) iniciado em 2002, como ampliação de uma pesquisa inicial empreendida por Heloísa de A. Duarte Valente, constitui, ao que tudo indica, um primeiro passo de maior envergadura dentro do tema. Teve como campo inicial de análise as manifestações do gênero na cidade de Santos, conglomerado urbano onde se encontra a maior concentração de imigrantes portugueses em número relativo e a segunda em número absoluto, de acordo com dados recolhidos no IBGE, em 2002, quando os trabalhos se iniciaram.

Para além de sua atividade comercial, Santos é também o porto onde chegaram os imigrantes – de várias nacionalidades – no início do século XX. Muitos que lá desembarcaram, optaram por se instalar na cidade e nela passar a sua vida. Dentre as formas simbólicas de vínculos que as colônias imigrantes desenvolveram, destaca-se a música. A comunidade lusa estabeleceria, através dessa linguagem, uma das formas de expressão mais fortes, criando, dessa maneira, vínculos com a pátria deixada para trás.

Ainda que não diretamente ligado à população imigrante – oriunda, em sua maioria, do norte de Portugal –, na vacância de outros gêneros, o fado seria um dos gêneros musicais a promover a união, ao mesmo tempo sentimental e identitária entre os diversos segmentos sociais, sobretudo quando absorvido pela nascente indústria do disco e pelas ondas radiofônicas: além da reprodução de discos, não raro atendendo a pedidos de ouvintes e patrocinadores, o rádio trazia artistas de prestígio, bem como calouros, que compareceriam aos programas, transmitidos ao vivo. A partir daí, o fado se apresentaria não apenas como canção lisboeta, mas portuguesa. Circulava, em turnês, em várias cidades do país, pela voz dos artistas lusitanos, mas também acabou por criar seus talentos e obras locais, representados pelos imigrantes estabelecidos no país e seus descendentes – tal é o caso de Joaquim Pimentel, autor de diversos sucessos, inclusive em sua terra natal como o conhecidíssimo *Só nós dois*.

Tendo este panorama inicial de referência, faz-se necessário sublinhar o encontro de Heloísa Valente com o casal Manoel Ramos e Lídia Miguez, detentores da memória do fado e de um acervo pessoal de grande importância, pleno de informações históricas detalhadas. Graças ao seu acervo pessoal e aos seus depoimentos, foi possível constituir um projeto de pesquisa sólido, ao qual se agregaram outros pesquisadores e estudantes, tendo como resultados um livro, um documentário e um hipertexto, todos concluídos entre 2008 e 2009.

Para levar adiante o projeto, foi necessário adotar uma abordagem múltipla, que permitisse compreender como o fado se estabeleceu na vida da cidade, quem o praticava, criava, divulgava; as circunstâncias, os locais, os patrocinadores... Importante também foi descobrir em que medida a cidade possibilitou o desenvolvimento do gênero: desvendar o processo de urbanização, os movimentos de imigração (nomeadamente, o lusitano), além de todas as outras

músicas que se praticavam, durante todo o século XX. Para esse fim, participaram do projeto dois historiadores: um especializado na história de Santos e o outro na história da música, na cidade de Santos.

Outra orientação que o grupo de pesquisadores levou em conta é o fato de que a história do fado, em Santos (aliás, como em outros lugares onde se enraizou) é também a história de uma escuta, sobretudo radiofônica: a maioria da população, de todos os níveis socioeconômicos, tinha o hábito de ouvir o rádio, principal meio de contato com a música – de todos os gêneros e estéticas. Muitos dos ouvintes eram analfabetos, ou de baixa instrução formal, o que, em grande medida, favorecia a transmissão de signos pela comunicação verbal ou auditiva. Some-se a essas particularidades, o fato de que o período em que o maior número de imigrantes se fixou na cidade coincide com o apogeu do rádio, como mídia hegemônica.

Dito isto frisamos, logo de início, que o projeto inicial sofreu um desdobramento posterior, tendo como centro das atenções, numa segunda etapa, a história do fado na São Paulo metropolitana. Esta continuidade do projeto recebeu novo financiamento e concluiu-se em junho de 2011. Todavia, esta etapa não constituirá o encerramento do projeto – pelo menos, no que toca aos anseios do grupo de pesquisadores. Após contato, o grupo de investigadores Susana Sardo, Rosário Pestana e Jorge Ribeiro, agregado ao INET – Polo Universidade de Aveiro (Portugal) aceitou desenvolver o projeto, em colaboração internacional, com os participantes do MusiMid. Espera-se publicar um livro, tendo como referência o estudo do fado em sua diáspora.

Para o momento, optamos por abordar alguns pontos que ilustram a história do fado nas cidades de Santos e São Paulo, tendo como ponto de partida, destacando a importância dos depoimentos dos radialistas que colaboraram diretamente com o desenvolvimento da pesquisa, nas suas duas fases – e as oportunidades de obtenção de informações, a partir de seu acervo pessoal.

O fado, na cidade de Santos

O projeto de pesquisa *Canção d'Além-Mar*, desenvolvido pelo Centro de Estudos em Música e Mídia (MusiMid), foi uma iniciativa proposta pela coordenadora do MusiMid face à quase inexistência de estudos relativos ao tema, mesmo desconhecido no âmbito da musicologia. Dividido em três frentes de trabalho, o estudo tratou, em sua primeira etapa, do universo fadista, no ambiente da cultura portuguesa na cidade de Santos (São Paulo), através de entrevistas, que geraram um documentário, um livro e um hipertexto.

Como ponto de partida, o projeto orientou-se pela atuação radiofônica e artística desenvolvida pelo casal Manoel Ramos e Lídia Miguez. Além de incentivadores e promotores voltados à cultura portuguesa, na Baixada Santista, o casal, em atividade desde 1941, tinha a história viva em sua memória e em suas mãos: um acervo pessoal que incluía, além de documentos diversos, recortes de jornais, com notícias e notas de eventos que realizaram e outros relacionados à música portuguesa na Baixada Santista. Em contato com o MusiMid (então nascente) desde 2003, Manoel Ramos e Lídia Miguez, por meio de seus

testemunhos, possibilitaram-nos descobrir uma paisagem sonora (SCHAFER, 2001) artística de extrema relevância, sobretudo no que toca à presença da música e, em caráter especial, ao fado.

Manoel Ramos iniciou a carreira fadista num programa que então existia na Rádio Clube de Santos – PRB-4, que se chamava *Em busca de novos astros*, mais tarde com o nome mudado para *Revelações portuguesas*. Interpretava músicas de Joaquim Pimentel, na época um dos maiores cantores portugueses no Brasil. Na época em que muitos portugueses já se haviam estabelecido como colônias de forte presença, na cidade, surgiram os espetáculos de circo, de teatro, de cinema. Lembra Ramos que, além do filme, costumava-se incluir um show português. Também havia os cafés cantantes, pontos de encontro, geralmente na Vila Matias, bairro tipicamente português, na primeira metade do século XX. Eram bares da periferia das grandes cidades, onde se juntavam as pessoas para cantar aquilo que se denominava *fado vadio*.

A forte representatividade da colônia também fez com que houvesse vários programas criados para ela. Quarta emissora mais antiga do país, a Rádio Clube, fundada em 1926, “[...] levava ao ar em 1930 o primeiro programa de música portuguesa, transmitido ao vivo, com os cantores Berta e Antônio Lopes, tendo como guitarrista Ferreirinha e ao violão Carlos Alberto”, lembra Ramos, que acrescenta:

Na década de 1930, a Rádio Atlântica de Santos também apresentava programa de fados ao vivo. Depois surgiu a Rádio Cacique, a Rádio Cultura de São Vicente, depois veio a Rádio Universal, a Rádio A Tribuna, a Rádio Guarujá. Havia muitos programas e muitos cantores.

Ramos cita, ainda, os nomes de Pedro Alves, Simões Calado (também produtor de programa), Pedro Alves, Manoel Moraes (brasileiro). Dentre as mulheres, tiveram destaque Lúcia Miranda, Laura Pacheco, Alzirinha Silva, Yolanda Gatto, Idalina de Abreu, Maria Ribeiro, Isaura Batista (mulher de Simões Calado) e, especialmente, Lídia Miguez, também radialista. Essa época de efervescência do rádio, embora pouco conhecida, foi celeiro da criação de talentos, tais como o fadista Armando Diogo que, de acordo com Manoel Ramos “foi o primeiro cantor português radicado na Baixada Santista a gravar um disco oficial, gravou para a etiqueta Colúmbia, gozando de muito sucesso” (RAMOS, in VALENTE, 2008, p. 104-108).

Os hábitos de escuta e fruição dessas canções eram bastante diversos do que se poderia imaginar, em inícios do século XXI. Lídia Miguez lembra, ternamente, em entrevista concedida em junho de 2003:

Gosto muito de lembrar aquele tempo em que cantávamos nas padarias. Depois que fechavam, acabávamos indo para os fundos, onde os padeiros faziam o pão, nós ficávamos ali, comendo bacalhau com sal, tomando vinho... Cheguei a ir numa padaria, lá para dentro, onde os padeiros, ainda, faziam as massas com as mãos. Aí eles terminavam de fazer a massa, e nós entrávamos e ficávamos até meia-noite, uma hora... [...] Aí vinha aquele bacalhau e comia-se aquele bacalhau cru, bebia-se vinho, e as pessoas cantavam porque gostavam (MIGUEZ, in VALENTE, 2008, p. 108).

Na época em que comandava o *Presença Portuguesa*, Ramos fazia locução, anunciava os programas. Havia um produtor que escrevia o programa. Mas os tempos são outros, queixa-se: “Hoje tudo está completamente mudado. as emissoras hoje já não tocam mais o disco de vinil!” (RAMOS, in VALENTE, 2008, p. 82). E, quiçá os discos compactos... A vida cotidiana, desenvolvendo-se no âmbito local, criava uma esfera em que o comércio existente – padaria, açougue, bares, quitandas – acabava por patrocinar os programas de rádio. Com as grandes organizações, supermercados e outros gigantes do comércio, tais comerciantes não têm mais como custear o patrocínio.

Os Amigos do fado (1990):



Figura 1 Amigos do fado: anúncio de cavaqueira

Várias razões podem justificar um largo período de arrefecimento das atividades fadistas, após a década de 1960: os filhos dos portugueses não terem desenvolvido o gosto pela cultura paterna, o impacto da cultura de massa, capitaneada pelo *rock and roll*, dentre tantos outros. De todo modo, um grupo de pessoas – músicos amadores e aficionados – permanecia engajado à atividade. No início da década de 1990, Ramos teve a iniciativa de organizar um movimento de recuperação da prática do fado ao vivo, organizando *cavaqueiras*. Por sua iniciativa, muitos músicos amadores que já tinham abandonado a atividade, voltaram à cena. Alguns deles nos concederam depoimentos. Outros nomes também surgiram como Marly Gonçalves e, anos mais tarde, Leandro Amaral. Ramos relata, na mesma entrevista:

A ideia surgiu naquela época: havia os programas de rádio, mas não havia programas ao vivo. Então, em 1990, nós iniciamos esse movimento, com a colaboração de alguns

amigos. E nós discutimos durante cinco anos fazer um trabalho que foi elogiado por toda a cidade [...]. Pois eu organizava, e todo mês eu fazia um espetáculo e convidava pessoas de um espetáculo para o seguinte (RAMOS in VALENTE 2008, pp. 137-144).

A partir de 2005, Manoel Ramos demonstrou sinais de uma enfermidade que culminou com sua morte, no dia 25 de dezembro de 2010. Nesse entretempo, Lídia Miguez continuou apresentando o Programa na Rádio Universal AM, com o apoio do neto Thomas Miguez, cineasta profissional. Mas o marido não deixou de acompanhar as emissões radiofônicas de sua casa. Com a morte de Ramos, Lídia Miguez decidiu encerrar o programa. O último programa foi ao ar no dia 27 de março de 2011. Sem dúvida, um dos mais longos programas da rádio brasileira, sobretudo se considerarmos que não houve interrupção ou mudança de apresentadores-produtores, ao longo de todo o período.

O fado na capital paulista

A história dos programas portugueses no rádio paulista dialoga com a cultura portuguesa em São Paulo que, entre os anos 1950 e 60, encontrara no rádio e na televisão as mediações necessárias para suas manifestações artísticas. A historiadora Sônia Maria de Freitas (2006) registra alguns depoimentos que indicam a audição de inúmeros quadros radiofônicos de grande popularidade.

Melodias Portuguesas, apresentado pela fadista brasileira, porém amante da música de além-mar, Irene Coelho, fora criado, em 1941, por seu marido, o guitarrista Manoel Coelho, e exibido pela antiga Rádio Cosmos, depois pela Rádio Piratininga, e, Rádio 9 de Julho, permanecendo no ar durante 65 anos, mudando de emissoras e com poucas interrupções. Em janeiro de 2008, era apresentado na Rádio Trianon. A *Princesinha da Canção Portuguesa*, título que recebeu do fadista e radialista Júlio Pimentel, faleceu em 2008.

Longe dos Olhos, Perto do Coração, idealizado por Júlio Pereira, já era transmitido em 1964, todos os dias pela Rádio 9 de Julho, conforme relatou um depoente, que não quis ser identificado nominalmente, em entrevista às pesquisadoras do Musimid:

Nessa época, o Julio já tinha seu programa, todas as manhãs no qual promovia a saudade de Portugal, com seus artistas tradicionais, dando vida e alegria à colônia Portuguesa de São Paulo. Falava muito do Manuel Marques, das Cantinas e promovia todas as festas e a vida social dos portugueses. Não me lembro muito bem, mas a Rádio 9 de Julho foi fechada pelo regime militar, acho que foi por volta de 1973, quando então todos perderam seus programas¹.

Saudades de Além-Mar, de Nuno Madeira, transmitido pela Rádio Record, e *Horas Portuguesas*, levado ao ar pela Rádio Panamericana, dirigido por João Fernandes e apresentado por sua esposa, Inez Fernandes, são alguns dos programas radiofônicos que acompanharam a chegada daqueles portugueses que escolheram o Rio de Janeiro e São Paulo como estados âncoras para sua fixação.

Segundo Maria Izilda Matos (2008), São Paulo tornou-se o principal atrator para imigração, que, entre 1950 e 1960, era espontânea, isto é, não havia qualquer forma de incentivo para atrair os estrangeiros. Dos 1.085.287 imigrantes residentes no país, 310.261 eram portugueses e, destes, 135.428 moravam em São Paulo, segundo a historiadora. Esta grande comunidade pôde simbolicamente recuperar seus vínculos graças às associações e centros criados não apenas para estimular a sociabilidade entre seus membros, mas também para servir como mecanismo de controle e comunicação do governo salazarista e divulgação de sua propaganda (MATOS, 2008), em meio às atividades recreativas, inclusive as musicais, que evocavam lembranças da terra deixada, de modo a reconstruírem marcas identitárias entre a comunidade e Portugal.

Porém, discutir se os programas radiofônicos da época contribuíram ou não para a propagação dos ideais do Estado Novo Português não é o objetivo deste trabalho. O que vale apontar, aqui, é a força dos signos sonoros marcadamente nas músicas selecionadas para as programações, como o fado, seus intérpretes, e mediadores, assumindo simultaneamente os papéis de fadista e de radialista, como a já citada Irene Coelho e também Abílio Herlander, Julio Pereira, Joaquim Pimentel, entre outros que fizeram a história dos programas radiofônicos portugueses no Brasil.

O último fluxo migratório relevante ocorreu durante os anos 1970 em virtude da Revolução dos Cravos. De lá para cá, programas desapareceram, fadistas-radialistas abandonaram a profissão ou morreram, o rádio está também na Web, as mediatizações se complexificaram em camadas de fluxos sógnicos cada vez mais velozes e os patrocínios estão à míngua.

Nesse sentido, vale mencionar o artigo contundente de Cláudia Tulimoschi, publicado em seu *blog* <http://webradioportugal.blogspot.com/>, no início de 2010, intitulado: *Música portuguesa no Brasil – O fim de uma era*. Aqui, a autora lamenta o estado de muitos programas do rádio carioca, dedicados à preservação da cultura portuguesa no Brasil, que pouco a pouco vêm perdendo apoio financeiro e não encontram saída além do encerramento, a exemplo do *Programa Joaquim Pimentel*, que foi ao ar pela primeira vez em outubro de 1942, pela Rádio Vera Cruz, do Rio de Janeiro, e que desde 1978, ano da morte de seu fundador, vinha sendo transmitido pela Rádio Bandeirantes por Antônio Campos e por Hélia Costa, na capital fluminense. O programa teve sua última emissão em fevereiro de 2010. O protesto de Tulimoschi leva a concluir que muitos outros estão sofrendo o mesmo destino: sucumbindo. E isso se deve, segundo ela, ao descaso de empresários, potenciais patrocinadores, que poderiam viabilizar a continuidade de um projeto cultural e comunicativo tão longo quanto a própria presença portuguesa em terras brasileiras, em suas diversas levas migratórias, do século XX.

Não obstante esse panorama pouco animador, é possível mapear programas paulistas ainda existentes que rememoram musicalidades e falas que conectam seus ouvintes a escutas abandonadas há tempos. Muitos destes programas têm longa permanência no ar, alguns, inclusive, irradiados na mesma

emissora, como o *Programa Portugal Trilha Nova*, de José Francisco Varela Leal, que há 43 anos atua à frente dos microfones da Rádio ABC (570 AM), de Santo André, transmitido aos domingos, ao meio-dia.

Outros programas podem ser ouvidos todos os dias, como *Portugal dentro de nós*, na rádio Trianon (740Khz), produzido e apresentado por Adriana Cambaúva, brasileira, e por Martins Araújo, português da Ilha da Madeira, há 46 anos trabalhando no rádio e na televisão, como jornalista, e, hoje, depois de exercer muitas funções no rádio paulista, comentando o futebol português, as notícias atuais sobre Portugal e, ainda, trazendo uma programação musical baseada não apenas nos fados tradicionais, mas também no fado moderno, assim como ritmos pop que fazem sucesso além-mar, a exemplo da banda de rock *Xutos e Pontapés*. Em entrevista a nós e à radialista Marta Fonterrada, em abril de 2011, o jornalista, que ainda carrega no sotaque lusitano, afirmou sua preocupação em não apenas reproduzir o tradicional, mas também de apresentar novidades musicais, graças às suas viagens periódicas a Portugal. Entretanto, confirma que a audiência, composta basicamente por luso-descendentes, prefere os antigos repertórios.

Já na Rádio 9 de Julho Católica AM, dois programas inteiram o painel lusófono no rádio: *Caravela do Fado*, apresentado, aos sábados à noite, por Padre Armênio, mesclando fados tradicionais e entrevistas, e *Heróis do Mar*, comandado mais uma vez por Martins Araújo, que há 11 anos nesta rádio dedica a programação às notícias da comunidade lusitana, à divulgação das festas nas Associações e Clubes Portugueses, pontuados por uma programação musical que hibridiza os eternos sucessos e músicas menos conhecidas de seu público.

Assim como Cláudia Tulimoschi, Martins Araújo acredita no potencial da transmissão via internet, “temos ouvintes do mundo todo, o que facilita a divulgação da cultura portuguesa”, conclui. Porém, seus prognósticos contradizem a expectativa positiva da *webrádio*: os velhos portugueses estão morrendo, não há apoio da comunidade para os programas de rádio que estão acabando. (Sobre a iniciativa de Cláudia Tulimoschi, vejam-se mais detalhes adiante.)

Na capital paulista, podem-se ouvir, ainda, outros programas que repetem o mesmo formato e sobrevivem à custa de idealizadores e pouco patrocínio. *Navegar é Preciso*, transmitido pela Rádio Imprensa (102,5 FM) desde 2000, foi idealizado por cinco luso-descendentes, do grupo LusaNet, Emídio Tavares, Nelsom e Rosângela de Paula e Simone Correia “com o objetivo de não deixar morrer a cultura lusitana no Brasil”, segundo o site do grupo. O programa já tem 11 anos e vai ao ar todos os domingos. Este programa, além dos fados tradicionais, das músicas folclóricas, apresenta temas da História de Portugal, e notícias sobre o futebol português, o time paulista Associação Portuguesa de Desportos, dados sobre festas das associações e clubes de Portugal.

Na Rádio Capital AM, Isabel Botelho e Fátima Macedo apresentam *Portugal, a saudade e você*, aos domingos pela manhã. Em 1985, Isabel Botelho integrou o programa de Júlio Pereira e continuou no rádio mesmo

depois da morte deste fadista e radialista. Fátima Macedo criou também no programa o quadro *Cantinho do Folclore*, o que garante a tônica da programação, além dos fados mais conhecidos.

Mas o que a escuta destes programas ainda pode nos fazer perceber? O que o desejo “por não deixar morrer a cultura portuguesa” revela aos pesquisadores de mídia sonora e, aqui, aos estudos das paisagens sonoras no rádio? Talvez uma primeira resposta diga respeito à dimensão semiótica da cultura e ao fato de que as leis da memória coincidam com as leis da continuidade, do próprio existir da cultura (LOTMAN, 1996).

Os repertórios dos fados tradicionais, constantemente acionados pelos ouvintes dos programas radiofônicos, têm suas letras tecidas entre o espaço fluido da viagem, do mar, e o espaço fixo da terra, da cidade, deixado pelos primeiros imigrantes, funcionando como códigos e marcadores da memória do ouvinte atual (NUNES, 2008). Vale lembrar que estas canções funcionam como textos culturais. Para os pesquisadores de Tártu-Moscou, o texto deixou de ser compreendido apenas como uma unidade indivisível de suas funções dentro de um contexto cultural – sentido dado pelas teorias linguísticas. “O texto é semioticamente heterogêneo [...] mostrando a capacidade de condensar informação, adquire memória [...] logos que cresce por si mesmo” (LOTMAN, 1996, p. 80).

É justamente o processo de replicação de textos e de códigos que garante o aumento de volume dos textos, sofrendo variadas formas de hierarquização, permitindo que a cultura se dirija contra o esquecimento. Para o pesquisador, o esquecimento é também um mecanismo de seleção. Normalmente o que passou não é aniquilado, mas submetido a um processo de recodificação, ressurge no continuum da cultura, garantindo a memória do texto. Desse modo, o fado permanece, dinâmico, dotado das propriedades do texto cultural: adquire ele próprio memória, pode crescer por si mesmo, ganhar novos sentidos, expandir-se em múltiplos sistemas de linguagem e suportes de informação.

Embora as transmissões radiofônicas atuais sejam bem menos expressivas que as de outrora – caracterizadas por emissões diárias e pela participação ativa na vida da comunidade lusitana da cidade paulista –, podemos reconhecer, mesmo fragilmente, capturas efêmeras de marcas sonoras que nutrem o imaginário do ouvinte, saudoso da terra natal, tais como os sotaques de apresentadores portugueses, como Martins Araújo e Varela Leal.

Nas produções apresentadas por *brasileiros*, como Padre Armênio, Adriana Cambaúva, Fátima Macedo, Isabel Botelho ou a equipe do *Navegar é Preciso*, percebemos outros signos icônicos agindo na memória do ouvinte, a exemplo das músicas de fundo que exercem a função de *background* (BG), indubitavelmente empobrecidas. A despeito do pouco trabalho com a linguagem sonoplástica e com a performance, necessárias à paisagem sonora radiofônica – tais programações sobrevivem timidamente, sem contudo esmorecer a força sonora, textual e sígnica do fado, que, ressignificado, continua a articular imaginários de escutas, transmediatizado em outras redes e plataformas.

Novos fados do fado

Após este percurso, vale retomar a ação de Cláudia Tulimoschi para comentar o destino do fado, em tempos atuais. Tendo encerrado definitivamente o *Programa Joaquim Pimentel*, Cláudia, mais o jornalista Oliveira Martins decidiram colocar uma *webrádio* no ar. Para ela e a sua mãe, a fadista Adélia Pedrosa, os portugueses mostram indiferença, para não dizer, descaso, ante as investidas em prol da preservação do fado. A *webrádio* permanece no ar, sem interrupção, 24 horas ao dia. Consultamos mais detalhadamente os conteúdos no *blog* que criou e administra com Oliveira Martins (informes, matérias jornalísticas, vídeos, páginas de fadistas, além da *webrádio*). Em outro momento, realizamos uma entrevista e ficou muito clara a distinção que os portugueses fazem entre os fadistas que iniciaram a carreira em Portugal ou em *ultramamar* – como preferem designar os portugueses da diáspora. Segundo depoimentos de Adélia Pedrosa e outros, há uma discriminação em relação aos *brasileiros* (os portugueses emigrados), como se a emigração inviabilizasse a capacidade e o talento de interpretar a música de Lisboa com competência e estilo. Fomentam-se, assim, os questionáveis valores ideológicos acerca do *mito de origem*.

Em visita à residência da fadista e sua filha, no dia 1º de fevereiro de 2011, pudemos ter uma noção mais clara da importância da atuação de Joaquim Pimentel, na fixação da música portuguesa e, em particular, do fado, no Rio de Janeiro, através de várias frentes de trabalho que criou, sobretudo como radialista e compositor. Outros nomes juntar-se-iam a esta lista, como Manoel Monteiro e, mais tarde, Maria Alsina. A função social dos restaurantes típicos na capital fluminense e em São Paulo nas décadas de 1960 e 1970 teria sido, segundo Adélia Pedrosa, o apogeu do fado, no Brasil. Os restaurantes funcionavam em dois turnos, diariamente, com a casa cheia. Era gente da classe alta que frequentava, políticos de alta estirpe, recorda.

Após a década de 1980, a presença esmorece. Na mesma entrevista, presenciamos a fadista, em coro com a filha, a vociferar, em tom exaltado: “O fado acabou! Os portugueses estão velhinhos, os filhos não cultuam as raízes, as coisas vão se perdendo...” Quanto ao trânsito de artistas, prosseguem: “Levam-se grupos, grava-se em Portugal, mas não há intercâmbio”. Mas admitem que a morte do fado não se deve ao desinteresse ou à falta de qualidade; é mesmo a falta de interesse dos portugueses! Quando em contato com o gênero, o brasileiro gosta e aplaude, porque “é um tipo de música que transmite uma emoção muito grande”, garantem. De algum modo, reiteram as mesmas ideias expostas no quase-manifesto publicado no *blog* de Tulimoschi, um ano antes. Conversando mais longamente com as entrevistadas, conseguimos extrair outros dados bastante relevantes, que justificam o desapontamento e revolta da filha: ela acompanhou, desde a mais tenra infância, todo o universo do fado e seus bastidores; e Joaquim Pimentel não foi apenas um importante radialista, fadista de destaque: foi um grande incentivador, padrinho artístico de Adélia, seu *anjo protetor*, no início da carreira artística. Por essa razão, tornou-se padrinho de batismo de Cláudia.

O Fado Novo é quase um movimento – senão uma marca. Ressurgiu no início da década de 1990, com algumas atitudes isoladas, sobretudo de Mísia. Logo após, inúmeros fadistas jovens surgiram, muitos deles simpatizantes à tradição da década de 1920 (NERY, 2004; HALPERN, 2004). O que ocorre de peculiar é que, diferentemente do usual, estes novos talentos descobriram o fado através dos discos e não pela tradição familiar. É que a Revolução dos Cravos havia silenciado o gênero *lisboeta*, tido, por muitos, como reacionário, arrivista, retrógrado... Cristina Branco é um dos nomes que confessa, em um disco, ter descoberto o fado aos 18 anos, quando o seu avô lhe deu de presente o álbum *Rara e inédita*, de Amália Rodrigues. A experiência mudou radicalmente a sua vida (VALENTE, 2008).

O fado ganhou escala planetária e hoje tem como maior ícone Mariza que, por sinal, não se iniciou no fado... Endeusada por muitos, disco de platina em vendagem de discos, trata-se de um fenômeno marcante. Para além do talento endossado por muitos nomes respeitados no gênero, percebe-se um investimento vultoso por parte da gravadora com a qual fixou contrato.

Não obstante, os portugueses de além-mar ainda permanecem atentos ao canto de Amália e Marceneiro, duas referências definitivas, quer nos discos de 78 rotações, no *longplay*, no disco compacto a *laser* (CD) e todas as outras mídias eletrônicas que a sucederem. A identidade portuguesa em seu charme de laivo triste propaga pela paisagem sonora, em vozes diversas. Assim é que o movimento em prol da incorporação do fado na Lista Representativa do Patrimônio Cultural da Humanidade² é fato que, ao que tudo indica, chegará a bom termo. Então, à maneira fadista, brindemos, escutando-o: *Silêncio! Vai se cantar o fado!*

Referências bibliográficas

- FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. *História da Comunicação. Rádio e TV no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- FREITAS, Sônia Maria de. *Presença Portuguesa em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
- HALPERN, Manuel. *O futuro da saudade – o Novo Fado e os novos fadistas*. Lisboa: Dom Quixote, 2004.
- LESSA MATTOS, David. *O Espetáculo da Cultura Paulista: Teatro e TV em São Paulo. 1940- 1950*. São Paulo: Codex, 2002.
- LOTMAN, I. *La Semiosfera I. Semiótica de la Cultura y Del Texto*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.
- MATOS, M. Izilda; SOUSA, Fernando; HECKER, Alexandre (org.): *Deslocamentos e histórias: os portugueses*. Bauru: EDUSC; CNPq, 2008.
- NERY, Rui V. *Por uma história do fado*. Lisboa: O Público; Corda Seca, 2004.
- NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. *À escuta do fado: memória de afetos e de vínculos*. In: VALENTE (org.). *Canção d'Além –Mar: O fado e a cidade de Santos*. Santos: Realejo/CNPq, 2008.

SCHAFER, R. Murray. *A Afinação do Mundo*. São Paulo: Edunesp, 2001.

TULIMOSCHI, Cláudia. 2010. *Música Portuguesa no Brasil – O Fim de uma Era*. Disponível em: http://www.mundolusiada.com.br/COLUNAS/ml_artigo_660.htm. Acesso em 16 de março de 2010.

VALENTE, Heloísa (org). 2008. *Canção d'Além-Mar: O Fado e a Cidade de Santos*. Santos: Realejo/CNPq, 2008.

Sítios consultados

ADÉLIA PEDROSA. Disponível em: <http://adeliapedrosa.blogspot.com>. Acesso em: 14 jan. 2011.

CLAUDIA TULIMOSCHI. Disponível em: <http://clautulimoschi.blogspot.com/p/fado.html>. Acesso em 14 jan. 2011.

MANUEL MARQUES. Disponível em: www.manuelmarques.eu.. Acesso em 14 jan. 2011.

RICARDO ARAÚJO. Disponível em: www.guitarraportuguesa.org. Acesso em 12 jan. 2011.

Notas

1. N. do E.: A Rádio 9 de Julho, mantida pela Fundação Metropolitana Paulista, ligada à Arquidiocese de São Paulo, teve suas concessões em AM e FM cassadas pelo governo Médici em 30 de setembro de 1973, depois de sofrer censura e ser obrigada a veicular programação exclusivamente pré-gravada, a partir de 1968. Em 5 de novembro de 1973, o Dentel lacrou os transmissores da emissora, que só seria restituída em 1996, após longa negociação política, iniciada com o fim da ditadura militar, em 1985.
2. Logo após a conclusão deste texto, foi anunciada a incorporação do fado como patrimônio imaterial da humanidade, pela Unesco. Um dos primeiros meios de comunicação a divulgar a notícia, foi o jornal O Público, de Lisboa, no dia 27 de novembro de 2011, sob o título “O Fado já é patrimônio imaterial da humanidade”. Permitimo-nos reproduzi-la, em um trecho: “Foram precisos pouco mais de cinco minutos para que a decisão fosse tomada por unanimidade (os 23 delegados presentes – faltou apenas um – votaram a favor), com grandes aplausos, conta ao PÚBLICO pelo telefone o musicólogo Rui Vieira Nery, presidente da comissão científica da candidatura. “Foi uma grande alegria que pôs fim a uma grande ansiedade”, admite Nery, referindo-se ao ritmo lento dos trabalhos na reunião de Bali. “Já não acreditávamos que fosse aprovada hoje.” O fado foi a última candidatura avaliada na sessão deste domingo, que terminou às 20h30 (12h30, hora de Lisboa), depois de terem passado à votação mais de 30 propostas. E, mesmo assim, foi recebido com grande entusiasmo, diz o musicólogo. Para esse clima de festa contribuiu, “e muito”, o breve discurso de António Costa, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, entidade que formalizou a candidatura junto da Unesco: “O Dr. António Costa decidiu terminar as suas palavras, já a fechar a intervenção de Portugal, chegando o seu iPhone ao microfone e deixando que a sala ouvisse Amália cantar ‘Estranha forma de vida’. Foi uma emoção acabar com a voz de Amália num fado de [Alfredo] Marceneiro. A sala levantou-se num enorme aplauso”. Disponível em: <http://www.publico.pt/Cultura/o-fado-ja-e-patrimonio-mundial-1522758>. Acesso em: 26 jan. 2012.